

# A nova do Lamartine



**Apaixonado pelas cartas de uma fã, marcou casamento. Mas aí apareceu o dentista...**

Há histórias que se parecem. Contou-me outro dia um amigo meu, médico, mineiro e andarilho de praia, uma dessas passagens inesquecíveis que ele afirma ser absolutamente verdadeira. Minha versão, já recheada da força da imaginação de quem só ouviu falar, é a seguinte: Lamartine Babo, o compositor de todos conhecido, recebia, no auge da sua glória musical, um sem-número de cartas de fãs, de todos os tipos. A poucas respondia. Mas calhou ter-lhe chamado a atenção uma, de envelope colorido, incomum naqueles anos do rádio. Lamartine abriu a carta, leu-a e gostou do conteúdo, educado, erudito em música, gentil, daquela moça de Minas que subscreveu a missiva. Merecia resposta e isso foi o que Lamartine fez. A moça, feliz, logo respondeu, daí nascendo uma correspondência.

(Parênteses: Lamartine era incorrigível namorador, daqueles que gostam mesmo de uma barra de saia. Mas com a moça de Minas ocorreu uma relação diferente, talvez porque platônica, disciplinada pela distância, então luguissima, entre o Rio e a cidade natal dela, Boa Esperança, em Minas Gerais. Encantado, Lamartine apaixonou-se de verdade e pediu a jovem em casamento. Aceito o pedido, preparou viagem, de trem, para casar e trazer a noiva.)

Tudo marcado, foi-se. Lá chegando, banda de música esperava o astro, tocando — é claro — as composições dele. Prefeito, delegado, juiz, até padre, todos o esperavam. Menos a noiva. Lamartine pensou: "Deve estar se preparando." E deixou passar. Salão paroquial. Mais música, mais conversa, bebida à vontade. Noiva, nada. Lamartine já se sentia impaciente, pedia explicações, mas só esquivas. O homem começou a ficar muito nervoso.

Nervoso e apaixonado, perigoso coquetel. Quando já a ponto de estourar, o dentista da cidade, sujeito discreto (todo dentista é discreto), chamou o nosso herói a um canto do salão e, como se não lhe estivesse dizendo mais do que as horas do relógio, resmungou mineiramente ao seu ouvido: "Lamartine, tua noiva sou eu!" Faça o leitor, agora, o per-

curso de volta, por trem, com o nosso abatido e resignado Lamartine, que, obviamente, não trouxe consigo o dentista, mas carregou para sempre a experiência de uma viagem à Serra da Boa Esperança, na busca da felicidade sonhada. Pois bem, o que Lamartine pensou você deve pensar agora também.

Há histórias que, de fato, se parecem. Temos nós todos, brasileiros, recebido

cartas de amor vindas do Planalto, cheias de promessas que nos enchem o coração.

O conteúdo de tudo é verdadeiro, mas agora também já sabemos que nos apaixonamos pelo dentista. Dá para esperar? Claro que não. O Plano Real é a história desse idílio da população com o consumo ampliado, regado a endividamento e alimentado pelo fluxo das vendas de ativos estatais e privados ao exterior. Se Lamartine tivesse cogitado de manter a ilusão, acabaria abraçado ao dentista, diante do altar da igreja matriz, o que não seria compatível com os usos e costumes da época.

Tampouco deve agora o País ficar agarrado a ilusões. O que foi bom acabou. Virada a página do plano que deu origem ao

real, definido como um regime monetário de juros altos e padrão cambial rígido, é preciso defender a estabilidade da moeda com novos e mais sólidos fundamentos. Com o novo regime, desta vez fiscal, este lado deve tornar-se rígido, enquanto o outro, cambial, deve tornar-se mais flexível, mais livre. O câmbio, por sinal, é uma relação de troca. Como diz a própria definição, nenhuma relação pode ser rígida; deve, ao contrário, ser passível de ajustes pelos próprios participantes do mercado.

O câmbio rígido, numa paridade inflexível (Argentina) ou cercado por bandas ou limites — como é o nosso caso —, serve a propósito bem circunstancial: permitir o curso de aproximação, de uma situação pretérita de instabilidade à situação de estabilidade. Foi o que fizemos desde 1994.

Se alguns países usam o regime do câmbio rígido, é por optarem por não ter um regime de moeda própria. De fato, ter moeda própria é pretensão de país que quer alcançar um estágio avançado de autonomia, de autoconstrução. Mas o atrelamento da moeda de um país ao padrão monetário de outro mais forte, via rigidez cambial, constitui alternativa plausível para aqueles que se sentem mais confortáveis com a disciplina externa (fiscal, principalmente) imposta por esse regime. Aliás, o FMI nasceu para

ajudar a gerenciar um mundo de relações cambiais fixas, dando aos países cambialmente deficitários os recursos — a ponte necessária — para vencer um período de ajuste, até controlarem melhor suas finanças internas. Após o "big-bang" de 1973, com a volta do regime de taxas flexíveis de câmbio entre os países avançados, o FMI passou a empregar suas "técnicas" no ajuste de economias periféricas, atreladas ao dólar.

Nas circunstâncias brasileiras atuais, enquanto nosso trem de retorno de Boa Esperança não chega à estação de origem, devemos pensar e decidir se queremos ou não ter moeda própria. Só não temos muito tempo. Se a resposta for afirmativa, devemos pagar o preço. (Será que Brasília, nossa folclórica Brasília, tem noção de que também está nesse trem?)

O preço a pagar é um regime fiscal novo e, de fato, sólido. Terá pouco que ver com o pacote recém-anunciado. Requer ação coletiva nacional (leia-se os três poderes mais a opinião pública) para:

- Ajustar, de um só golpe, o nível de despesas públicas ao das receitas fiscais;

- Fazer um "clearing" geral de todos os passivos públicos, liberando os Estados e municípios, após estes acertarem suas contas com o governo federal, em contrapartida à aprovação da reforma dos impostos;

- Aprovar novo sistema tributário, voltado para a desoneração da produção e da cesta básica, simplificado na cobrança e punitivo na evasão, mais equitativo e igualmente arrecadador.

Alguém perguntará: e a desvalorização do câmbio?

No regime de moeda própria, isso quem decide é o mercado. Sempre deve ser assim.

As vantagens deste novo começo do Real em muito superaram os sacrifícios iniciais de sua instituição. O motivo é simples: já não estamos crescendo, já não consumimos, a noiva já virou dentista.

O que estamos esperando, então, para agir em prol desta segunda fase do Real? O trem está chegando. Tudo há de melhorar, no final. Se ainda não melhorou, é porque não acabou. Em qualquer caso, convide nosso leitor a fazer como Lamartine, que se divertia depois daquela coisa toda.

